

Senado vai ter número recorde de suplentes

O Senado passa a abrigar um número recorde de representantes sem votos, com a saída de quatro senadores para o ministério do presidente Fernando Henrique Cardoso. Os suplentes passam a ocupar 15 das 81 vagas, ou 18,5% do total.

O número põe em dúvida a representatividade na Casa, uma vez que a maioria dos eleitores ignora quem substituirá o senador que mereceu o voto. As regras das eleições majoritárias fazem da suplência uma espécie de loteria, com o prêmio acumulado, na qual se exige muito pouco do premiado: que ele ceda o nome para compor a chapa ou, se for rico, financie a campanha do candidato.

Das quatro substituições, duas trazem de volta ao cenário político dois ex-deputados que, na legislatura de 1983 a 1987, defendiam situações opostas na tribuna da Câmara. Djalma Bessa, suplente do senador Waldeck Ornelas (PFL-BA), indicado para o Ministério da Previdência Social, era vice-líder do governo que tinha no PDS, o partido dele, o respaldo no Congresso. O suplente do senador Renan Calheiros (PMDB-AL), novo ministro da Justiça, é o ex-deputado Djalma Falcão, vice-líder do PMDB, um dos articuladores da Aliança Democrática que elegeu Tancredo Neves no colégio eleitoral.

O suplente do senador José Serra (PSDB-SP), novo ministro da Saúde, é o empresário Pedro Piva, sócio do Klabin, grupo empresarial importante na área de papel e celulose. O senador Freitas Neto (PFL-PI) será substituído pelo empresário Elói Portella, irmão do falecido Petrônio Portella, articulador político do ex-presidente Ernesto Geisel e do senador Lucídio Portella (PPB-PI). Piva esteve no cargo no início da legislatura, quando Serra ocupava o Ministério do Planejamento. Portella vai estreitar no cargo, afastando-se temporariamente do escritório de engenharia que mantém em Teresina. Há verdadeiros profissionais da suplência, como Gilberto Miranda (PFL-AM), que exerce o segundo "mandato" sem nunca ter disputado eleição.